

RESPOSTA DE UM ANARQUISTA AOS ÚLTIMOS MOICANOS DO MARXISMO E DO LENINISMO, ASSIM COMO AOS INÚMEROS PINTAINHOS DA DEMOCRACIA.

Ed. Sotavento, Faro (Portugal), 1991.

RÉPONSE D'UN ANARCHISTE AUX DERNIERS MOHICANS DU MARXISME-LÉNINISME, AINSI QU'AUX INNOMBRABLES POUSSINS DE LA DÉMOCRATIE.

Éd. Sotavento, Faro, 1991.

- 1 -

SOBRE A TEORIA DO DOMÍNIO

Pelo simples enunciado do vosso arrazoado se topa logo o primeiro e decisivo obstáculo contra o qual, impotente, o vosso pensamento esbarra: será que não tendes uma *teoria do domínio*? Não compreendestes ainda que as aludidas classes sociais, não redutíveis aliás à dinâmica duma dialéctica banalmente bipolar, antes hierarquizadas no interior duma pirâmide em que o explorador de um é por via de regra o explorado doutro, têm que ser dominadas antes de ser exploradas e que a categoria do domínio é mais vasta do que a da exploração, decorrendo historicamente uma da outra?

Seria aconselhável, se não fosseis tão dogmáticos nos vossos pensamentos fósseis, que pudésseis informar-vos um pouco sobre as sociedades ditas primitivas («*as primeiras sociedades de abundância*»), a génese do Estado, do fenómeno guerreiro ou predador, da mitologia e da religião e, muito especialmente, sobre a «*servidão voluntária*» — fenómeno escarpado há séculos por Étienne de LA BOÉTIE. Não, não é questão de que esqueçais o problema da produção material e do tubo digestivo que precisa de comer para defecar, como qualquer glutão ou grevista da fome sabe; é tão somente questão de que possais evoluir de um materialismo grosseiro e estomacal para formas (e conteúdos) mais elaborados de materialismo... Que diabo!, falar-se de Deus e do Estado, da teologia e da política, e no triste papel por elas desempenhado na mistificação da humanidade, não equivale nem a ser-se deísta nem a ser-se estatista! Nem a uma tentativa desespera-

- 1 -

SUR LA THÉORIE DE LA DOMINATION

Dès l'énoncé de votre argument, le premier et décisif obstacle auquel votre pensée se heurte, impuissante, apparaît clairement: n'avez-vous donc aucune théorie de la domination? N'avez-vous pas encore compris que les classes sociales susmentionnées, qui ne se réduisent pas à la dynamique d'une dialectique bipolaire banale, mais sont plutôt hiérarchiquement organisées au sein d'une pyramide où l'exploiteur des uns est, en règle générale, l'exploité des autres, doivent être dominés avant d'être exploités, et que la catégorie de domination est plus large que celle d'exploitation, les deux découlant historiquement l'une de l'autre?

Si vous n'étiez pas si dogmatiques dans votre pensée figée, il serait judicieux de vous renseigner un peu sur les sociétés dites primitives («*les premières sociétés d'abondance*»), la genèse de l'État, le phénomène du guerrier ou du prédateur, la mythologie et la religion, et surtout sur la «*servitude volontaire*» - un phénomène analysé il y a des siècles par Étienne de LA BOÉTIE. Non, il ne s'agit pas d'oublier le problème de la production matérielle et du système digestif qui a besoin de manger pour déféquer, comme tout glouton ou gréviste de la faim le sait; il s'agit simplement d'évoluer d'un matérialisme grossier et nauséabond vers des formes (et des contenus) de matérialisme plus élaborées... Quelle horreur! Parler de Dieu et de l'État, de théologie et de politique, et du rôle déplorable qu'ils jouent dans la mystification de l'humanité, ce n'est être ni déiste ni étatiste! Ce n'est pas non plus, croyez-

da, podeis crer, de obscurecimento dos mecanismos do domínio e da exploração...

Na conformidade, não se pode atacar eficazmente «*Das Kapital*» sem se atacar o Estado. Não esta ou aquela forma de Estado, - Estado escravagista, feudal, burguês ou «*proletário*»; Estado democrático, constitucional e de Direito ou Estado ditatorial, - mas o Estado sem adjetivos e substancial, o grande mediador, a instituição das instituições, o exemplo por excelência da organização hierarquizada e piramidal da sociedade, em que contam tanto as pequenas unidades básicas de enquadramento quanto os grandes conjuntos desumanizantes. O Estado, em suma, corporizado nos seus larguíssimos milhares de funcionários, burocratas, tecnocratas, gestores, deputados, ministros, autarcas, magistrados, polícias e militares, funcionando sempre de cima para baixo e do centro para a periferia, por mais democrático e descentralizado que se auto-proclamé.

É que o Estado, «*criador e criatura*» de privilégios, como dizia MALATESTA, tanto defende os interesses das classes possidentes existentes em determinado momento histórico como gera nas suas entranhas e circuitos novos interesses e novas classes dominantes e, por conseguinte, exploradoras. Até na sociedade capitalista aparentemente mais «*liberal*», com o Estado reduzido ao ínfimo papel de polícia e o factor económico mais autonomizado possível, «*o Estado tem uma vitalidade própria e constitui com os seus componentes estáveis ou electivos, com os seus funcionários e magistrados, com os seus polícias e clientes, uma verdadeira e própria classe social à parte...*» (Luigi FABBRI). A coisa é tão evidente que «*se o capitalismo fosse destruído e se deixasse subsistir um governo, este governo, mediante a concessão de toda a espécie de privilégios, criá-lo-ia de novo...*» (Congresso de Bolonha da *União Anarquista Italiana*, Julho de 1920). O rótulo, como se depreende, pouco importa, podendo esse hipotético governo intitular-se canhoto, esquerdino, ambidestro, popular, proletário, socialista (com o ou com u) ou comunista...

Contudo, tal como os marxistas, leninistas e restantes funâmbulos da derradeira religião revelada — a do socialismo ou comunismo autoritário —, sois incapazes de ver a questão social com esta limpeza. Consequentemente, caís, em meu entender, num duplo erro:

1- Por um lado, como achais que a vida social está economicamente condicionada (o que está certo) e descambais no economicismo (o que está errado), tendes tendência para ver no Estado apenas

moi, une tentative désespérée de masquer les mécanismes de domination et d'exploitation...

Par conséquent, on ne peut s'attaquer efficacement au «*Capital*» sans s'attaquer à l'État. Non pas à telle ou telle forme d'État, - État esclavagiste, féodal, bourgeois ou «*prolétarien*»; État démocratique, constitutionnel et de droit, ou État dictatorial, - mais à l'État dans son essence même, sans adjectifs ni substance, le grand médiateur, l'institution des institutions, l'exemple par excellence de l'organisation hiérarchique et pyramidale de la société, où comptent aussi bien les petites unités de base que les vastes structures déshumanisantes. L'État, en somme, incarné par ses milliers de fonctionnaires, bureaucrates, technocrates, gestionnaires, députés, ministres, maires, magistrats, policiers et militaires, fonctionnant toujours du sommet à la base et du centre à la périphérie, aussi démocratique et décentralisé qu'il puisse se proclamer.

Le fait est que l'État, «*créateur et progéniteur*» de privilèges, comme le disait MALATESTA, défend les intérêts des classes possédantes à un moment historique donné tout en engendrant, au sein de ses entrailles et de ses circuits, de nouveaux intérêts et de nouvelles classes dominantes et, par conséquent, exploiteuses. Même dans la société capitaliste en apparence la plus «*libérale*», où l'État est réduit au rôle minimal de police et à l'autonomie économique la plus totale, «*l'État possède sa propre vitalité et constitue, avec ses composantes stables ou élues, avec ses fonctionnaires et magistrats, avec sa police et ses clients, une véritable classe sociale à part entière...*» (Luigi FABBRI). Le phénomène est si évident que «*si le capitalisme était détruit et qu'un gouvernement était autorisé à subsister, ce gouvernement, en octroyant toutes sortes de privilèges, le recréerait...*» (Congrès de Bologne de l'*Union anarchiste italienne*, juillet 1920). L'étiquette, comme on le voit, importe peu. Ce gouvernement hypothétique pourrait se qualifier de gauche, gauchiste, ambidextre, populaire, prolétarien, socialiste (avec un o ou un u (*)), ou communiste...

Cependant, à l'instar des marxistes, des leninistes et autres funâmbules de la religion révélée ultime - celle du socialisme ou du communisme autoritaire -, vous êtes incapable d'appréhender la question sociale avec cette lucidité. Par conséquent, à mon avis, vous commettez une double erreur:

1- D'une part, puisque vous croyez que la vie sociale est conditionnée économiquement (ce qui est exact) et que vous sombrez dans l'économisme (ce qui est faux), vous tendez à considérer l'État comme une simple superstructure, une méga-ma-

(*) Alusão a termos idiomáticos antigos ou, muito provavelmente, locais. (Nota A.M.).

(*) Allusion à des vocables idiomatiques anciens, ou locaux, selon toute vraisemblance. (Note A.M.).

uma superestrutura, uma mega-máquina que, em melhores mãos (nas vossas, obviamente), até pode dar melhores frutos. Assim, a uma geringonça tão providencial e tão instrumentalizável até podeis confiar novas atribuições, para além das que lhe são tradicionalmente cometidas pela burguesia: a expropriação dos expropriadores, por exemplo, convertendo-se o vosso modelar e canonizável Estado «*proletário*» no expropriador único.

2- Por outro (erro de sinal contrário), por muito economicistas e materialistas que vos digais, quando não soçobrais na expectativa e no determinismo de tipo fatalista (a pêra há-de cair de madura, as contradições íntimas e objectivas do sistema hão-de fazer com que ele se autodestrua, etc...), tendes da revolução social uma noção perfeitamente golpista e politicante. É assim que continuais a manipular, agitando-o antes de usá-lo, o conceito especioso de «*ditadura do proletariado*», ditadura essa, segundo o vosso superior critério, «*de modo nenhum posta em causa mas confirmada pela derrota da revolução russa*», porquanto, para vossorias, «*foi por a ditadura do proletariado ser tão débil que o poder de Estado passou para o controlo duma burguesia burocrática e a revolução se afundou*».

No meio de toda essa balbúrdia para vós extremamente operacional e sobretudo insusceptível de vos levar a erros práticos, achais que os anarquistas consubstanciam «*uma corrente de pensamento que não consegue ver mais do que Homens abstractos face a princípios abstractos, como Igualdade, Liberdade, Autoridade*». Um escol de patetas, resumindo e concatenando, «*como aqueles pobres das aldeias que ainda não se deixam enganar com histórias sobre viagens interplanetárias...*». Precisamente porque, «*ao verem o inimigo não na classe burguesa mas no Estado em geral, os anarquistas passam ao lado da questão aferidora de todas as correntes políticas: como fazer sair os trabalhadores da prisão do Estado burguês? como derrubar a burguesia?*».

Mas que «*infantilismo*» (a expressão é vossa), não é verdade? Resta é saber se tal infantilismo nos é imputável, a nós que somos incrédulos — até porque o ateísmo, em política, dá pelo nome de anarquismo — ou a vós que, na vossa qualidade de arquistas, ainda acreditais no pai natal ou na história da carochinha.

chine qui, entre de meilleures mains (les vôtres, manifestement), pourrait même produire de meilleurs résultats. Ainsi, vous pouvez même attribuer à cette machine providentielle et instrumentalisable de nouvelles attributions, en plus de celles que la bourgeoisie lui attribue traditionnellement: l'expropriation des expropriants, par exemple, transformant votre État «*prolétarien*», modèle et canonisable, en unique expropriant.

2- D'un autre côté (erreur de signe opposé), aussi économistes et matérialistes que vous puissiez vous prétendre, lorsque vous ne cédez pas à l'attente et au déterminisme fataliste (la poire tombera quand elle sera mûre, les contradictions intrinsèques et objectives du système entraîneront son autodestruction, etc...), vous vous retrouvez avec une conception parfaitement putschiste et politiste de la révolution sociale. C'est ainsi que vous continuez à manipuler, en l'agitant avant de l'utiliser, le concept spécieux de «*dictature du prolétariat*», une dictature qui, selon vos critères supérieurs, «*n'a nullement été remise en question mais au contraire confirmée par la défaite de la révolution russe*», car, pour vous, «*c'est parce que la dictature du prolétariat était si faible que le pouvoir d'État est passé aux mains d'une bourgeoisie bureaucratique et que la révolution a sombré*».

Au milieu de tout ce bavardage, si pratique pour vous et surtout si peu susceptible de vous induire en erreur, vous pensez que les anarchistes incarnent «*un courant de pensée incapable de voir autre chose que des hommes abstraits confrontés à des principes abstraits, tels que l'Égalité, la Liberté, l'Autorité*». Une bande d'imbéciles, pour résumer, «*comme ces pauvres gens des villages qui ne se laissent toujours pas berner par les histoires de voyages interplanétaires...*». Précisément parce que, «*en voyant l'ennemi non pas dans la bourgeoisie mais dans l'État en général, les anarchistes passent à côté de la question cruciale pour tous les courants politiques: comment libérer les travailleurs de la prison de l'État bourgeois? comment renverser la bourgeoisie?*».

Mais quelle «*puérilité*» (l'expression est de vous), n'est-ce pas? Reste à savoir si cette puérilité nous est imputable, à nous qui sommes incroyants - d'autant plus que l'athéisme, en politique, se fait appeler anarchisme - ou à vous qui, en tant qu'*archistes*, croyez encore au Père Noël ou aux contes de fées.

SOBRE O MODO DE PRODUÇÃO ASIÁTICO

Em primeiro lugar, contrariando a fábula do Estado demasiado super-estrutural, digno de figurar nos museus da sociedade anarquista do futuro, «*ao lado da roca de fiar e do machado de bronze*» (ENGELS, «*A origem da família, da propriedade e do Estado*»), temos logo a teoria do «*modo de produção asiático*», mais ou menos elaborada pelo próprio MARX.

Efectivamente, que pensar de um modo de produção em que o Estado é o «*empresário universal*», dirige os grandes trabalhos públicos, gere o sistema de irrigação, do qual depende toda a terra arável, sem que todavia haja uma rede de proprietários privados? Pois foi o que aconteceu em grandes franjas de todo o Oriente e durante largos séculos: não havia uma propriedade privada com trabalho escravo subjacente, como na antiguidade clássica ocidental; não havia o feudo com as obrigações aviltantes dos servos da gleba, como no feudalismo; e menos ainda havia uma elite de capitães de indústria e de «*peritos*» financeiros, como no capitalismo. O Estado já então igual a si próprio, com todos os seus tentáculos e a sua rede de burocratas, os seus privilegiados e as suas clientelas, os seus cargos, prebendas e mordomias, era dono de tudo; confundia os seus próprios interesses com os interesses da comunidade e, segundo ENGELS, agrupava-se à volta de três «*ministérios*»: finanças ou pilhagem do interior, guerra ou pilhagem do interior e do exterior e, enfim, trabalhos públicos ou «*ministério da reprodução*».

MARX e ENGELS, pleonasticamente imbuídos de «*marxismo*», não levaram, porém, a sua descoberta até ao fim. Como não tinham uma teoria do domínio consequente, não podiam compreender que a burocracia tivesse entre mãos e exercesse uma forma de poder e opressão não derivada de outras classes sociais mais importantes. O que seria dar demasiada razão aos anarquistas, os quais sempre defenderam que as formas de domínio e de exploração não seriam apenas e sempre redutíveis a formas capitalistas ou pré-capitalistas arcaicas... E para cúmulo do (vosso) azar, parece que até as modernas ciências sociais vêm dar razão à genial intuição dos anarquistas, o que já não é assim tão mau, atendendo a que se trata duma confraria de pobres «*utópicos*». Diz, por exemplo, muito a propósito Ralf DAHRENDORF: «*De um ponto de vista sociológico, a propriedade não é de facto a única forma de autoridade. Por conseguinte, quando se tenta definir a autoridade com base na propriedade, acaba-se por definir o geral com base no particular, o que constitui um evidente erro de lógica. Em qualquer caso em que esteja presente a proprie-*

À PROPOS DU MODE DE PRODUCTION ASIATIQUE

Tout d'abord, pour contredire la fable de l'État hyper-structuré, digne d'être exposé dans les musées de la société anarchiste future, «*aux côtés du rouet et de la hache de bronze*» (ENGELS, «*L'Origine de la famille, de la propriété privée et de l'État*»), on trouve immédiatement la théorie du «*mode de production asiatique*», plus ou moins élaborée par MARX lui-même.

En effet, que penser d'un mode de production où l'État est «*l'entrepreneur universel*», dirige les grands travaux publics, gère le système d'irrigation dont dépend toute terre arable, sans pour autant qu'il existe un réseau de propriétaires privés? Car c'est ce qui s'est produit dans de vastes régions de tout l'Orient et pendant de nombreux siècles: point de propriété privée sous-jacente au travail servile, comme dans l'Antiquité classique occidentale; point de fief avec les obligations dégradantes des serfs, comme dans le féodalisme; et encore moins d'une élite de capitaines d'industrie et d'«*experts*» financiers, comme dans le capitalisme. L'État, déjà égal à lui-même, avec tous ses tentacules et son réseau de bureaucrates, ses privilégiés et sa clientèle, ses offices, ses sinécures et ses avantages, possédait tout; il confondait ses propres intérêts avec ceux de la communauté et, selon ENGELS, s'organisait autour de trois «*ministères*»: les finances ou le pillage de l'intérieur, la guerre ou le pillage de l'intérieur et de l'extérieur, et enfin les travaux publics ou «*ministère de la reproduction*».

MARX et ENGELS, imprégnés de «*marxisme*», n'ont cependant pas poussé leur découverte jusqu'à son terme. Faute d'une théorie de la domination cohérente, ils ne pouvaient comprendre comment la bureaucratie pouvait exercer une forme de pouvoir et d'oppression qui ne provenait pas d'autres classes sociales plus importantes. Ce serait accorder trop de crédit aux anarchistes, qui ont toujours soutenu que les formes de domination et d'exploitation ne se réduisent pas uniquement et systématiquement à des formes capitalistes ou pré-capitalistes archaïques... Comble de l'ironie, il semble que même les sciences sociales modernes confirment aujourd'hui la brillante intuition des anarchistes, ce qui n'est pas si mal, étant donné qu'il s'agit d'une confrérie de pauvres «*utopistes*». Par exemple, Ralf DAHRENDORF affirme très justement: «*D'un point de vue sociologique, la propriété n'est en réalité pas la seule forme d'autorité. Par conséquent, lorsqu'on tente de définir l'autorité à partir de la propriété, on finit par définir le général à partir du particulier, ce qui constitue une erreur logique manifeste. Dans tous les cas où la propriété est présente, l'autorité l'est aussi ; mais... toutes les*

dade, estará também a autoridade; mas... nem todas as manifestações de autoridade pressupõem a propriedade: a autoridade é uma relação social de carácter mais geral».

Dentro desta ordem de ideias e em última análise, poderíamos apresentar mais de mil casos edificantes, apanágio e pendão da formosa sociedade em que vivemos. Alguns bastam. Já reparastes, por exemplo, na tirania que existe dentro das próprias empresas capitalistas? Qualquer organograma nos mostra, antes de mais, a relação e a estrutura de poder existentes. Dos lacaios, empregados e operários até aos grandes directores e gestores, passando pelos pequenos, médios e grandes colarinhos brancos, todos ocupam o seu lugar na pirâmide hierárquica, com os correspondentes vencimentos, honorários, emolumentos e outros unguentos, directamente proporcionais à altura dos respectivos poleiros. E os nossos honrados democratas representativos, que ainda na véspera mendigaram o boletim de voto ao «*povo soberano*», no dia seguinte, ao descerem ao terreiro, acham perfeitamente natural que a «*liberdade*» campeie na «*sociedade civil*», enquanto a opressão reina no local de trabalho. E acaso vistes, no quadro da recomposição e reajustamento das classes dominadoras e exploradoras, a inelutável substituição das velhotas que vivem dos rendimentos e dos gordos e luzidios latifundiários alentejanos pelos elegantes e buliçosos «*golden boys*», grandes maneжadores de homens e capitais, com evidentes acessos aos créditos chorudos e bonificados (ou a fundo perdido) e aos centros de decisão? É só olhar para a velocidade com que passam do sector público para o privado e vice-versa. E será puro bambúrrio que no «*ranking*» das grandes fortunas mundiais, acima até dos multimilionários texanos, encontremos alguns rajás, marajás, sultões, xeiques, entre outros mandarins, além de sua graciosa majestade britânica? Finalizando este breve inventário heteróclito e quase surrealista, mas de maneira alguma exaustivo, chamamos a vossa atenção para a distribuição democrática dos tachos no quadro sempre a edificar, mas edificante!, do mercado comum europeu e do seu super-Estado. Já registastes a maneira como os eurocratas se abocanham? Dir-se-ia que as formas obsoletas da propriedade e da posse cedem o lugar à função e ao cargo, no quadro da estrutura tecno-burocrática mundial. Por enquanto, esses malandros inquinam apenas a Terra, mas dêem-lhes tempo e «*asas*» e eles contaminarão toda a galáxia...

Mas não percamos já de vista o modo de produção asiático, embrenhando-nos demasiado ostensivamente pelos meandros da selva urbana moderna. Na senda de MARX e ENGELS, LÉNINE e TROTSKY e, depois, STALINE e seus asseclas e pintainhos tentaram levar para a prática o que os mestres-pensadores haviam analisado. Como bons «*déspotas orientais*»,

manifestations de l'autorité ne présupposent pas la propriété: l'autorité est une relation sociale de nature plus générale».

Dans cette optique, et en définitive, nous pourrions présenter plus d'un millier d'exemples édifiants, véritables emblèmes de la belle société dans laquelle nous vivons. Quelques-uns suffisent. Avez-vous remarqué, par exemple, la tyrannie qui règne au sein même des entreprises capitalistes? Tout organigramme révèle, avant tout, les rapports de force et la structure en place. Du simple exécutant à l'ouvrier, en passant par les directeurs et les cadres supérieurs, sans oublier les employés de bureau de toutes tailles, chacun occupe sa place dans la pyramide hiérarchique, avec des salaires, des honoraires, des émoluments et autres avantages proportionnels à son rang. Et nos honorables représentants démocrates, qui la veille encore imploraient le «*peuple souverain*» de leur accorder le bulletin de vote, trouvent le lendemain, en descendant sur la place publique, parfaitement naturel que la «*liberté*» règne dans la «*société civile*», tandis que l'oppression règne sur le lieu de travail. Avez-vous remarqué, dans le cadre de la recomposition et du réajustement des classes dominantes et exploiteuses, l'inévitable remplacement des vieilles femmes vivant des revenus du peuple et des riches propriétaires terriens de l'Alentejo par d'élégants et bruyants «*golden boys*», d'habiles gestionnaires d'hommes et de capitaux, bénéficiant d'un accès privilégié à des prêts importants et subventionnés (voire non remboursables) et aux centres de décision? Voyez la rapidité avec laquelle ils passent du secteur public au secteur privé et inversement. Et est-il vraiment absurde que, dans le «*classement*» des plus grandes fortunes mondiales, même au-dessus des multimillionnaires texans, on trouve des rajahs, des maharajas, des sultans, des cheikhs, et autres mandarins, outre sa gracieuse majesté britannique? Pour conclure ce bref inventaire hétéroclite, presque surréaliste, mais loin d'être exhaustif, nous attirons votre attention sur la répartition démocratique des postes au sein du cadre en constante expansion, et pourtant constructif, du marché commun européen et de son super-Etat. Avez-vous remarqué comment les eurocrates s'empilent les uns sur les autres? Il semblerait que les formes obsolètes de propriété et de possession cèdent la place à la fonction et au bureau au sein de la structure techno-bureaucratique mondiale. Pour l'instant, ces scélérats ne font que polluer la Terre, mais donnez-leur le temps et les «*moyens*», et ils contamineront la galaxie entière...

Mais ne perdons pas de vue le mode de production asiatique, en nous perdant trop ostensiblement dans les méandres de la jungle urbaine moderne. À la suite de MARX et ENGELS, LÉNINE et TROTSKY, puis STALINE et ses acolytes, on a tenté de mettre en pratique ce que les grands penseurs avaient analysé. À l'instar des bons «*despotes orientaux*», dignes

dignos discípulos dos faraós e de quantos mandaram construir as pirâmides, bem como dos guerreiros do império assírio-babilónico e dos senhores da guerra dos desertos e dos altos planaltos da Arábia, da Pérsia ou da Índia, lançaram-se a milénios de distância no projecto demente e liberticida de edificação do Estado expropriador e, em princípio, proprietário único, único banqueiro, grande planificador, grande inquisidor, sumo-sacerdote, marechal supremo e super-bufo. À sua maneira, tentavam «*acabar com a História*», edificando o Estado-Moloch, sem nos explicarem todavia como é que esse derradeiro expropriador seria a seu turno expropriado. Brandindo o chicote dos comissários do povo, usando e abusando do jus vitae necisque sobre as massas escravizadas, estatizando a pequena propriedade familiar mediante a simples aplicação do termo *kulak* — termo aliás desprovido de qualquer significação jurídico-económica —, matando à fome e deportando milhões de camponeses, criminalizando o dissenso, proibindo todos os partidos e todas as tendências, transformando os soviets e os sindicatos em simples câmaras de registo e correias de transmissão, ilegalizando as greves porque susceptíveis de fazerem o jogo da reacção e porque a «*vanguarda dirigente*» se ocuparia de tudo — esses cavalheiros levaram por diante a mais brutal acumulação capitalista de todos os tempos...

Mas frente à realidade insustentável, até conceitos como «*acumulação capitalista primitiva*» ou «*capitalismo burocrático de Estado*» são controversos e problemáticos, incapazes de fornecer uma explicação séria à realidade social descrita. Pois se o regime do trabalho assalariado, a prisão moderna do salariat, constitui a base económica e a mola real da organização capitalista do *tripalium* (antigo instrumento de tortura, do qual deriva a palavra *trabalho*), que pensar das dezenas de milhões de pobres larvas humanas que durante décadas trabalharam à borla, em inúmeros campos de concentração, para os novos czares? Entre muitos outros pensionistas sempre caluniados pelos sacerdotes de esquerda e outros meninos que, como BARREIRINHAS CUNHAL, achavam que nunca havia «*elementos suficientes*» para julgar a situação, o insuspeito Valentim GONZALEZ, mais conhecido por «*El campesino*» e general comunista durante a guerra civil espanhola, no livro «*Vida e morte na U.R.S.S.*», conta como as coisas se passavam no universo concentracionário. Milhões de homens e mulheres, em condições incríveis, em zonas situadas próximo do círculo polar ártico ou nos confins da Sibéria, personificavam a

discípulos des pharaons et de tous ceux qui ont ordonné la construction des pyramides, ainsi que des guerriers de l'empire assyro-babylonien et des seigneurs de guerre des déserts et des hauts plateaux d'Arabie, de Perse ou d'Inde, ils se sont lancés, des millénaires plus tard, dans le projet insensé et destructeur de liberté de bâtir un État expropriant, en principe propriétaire unique, banquier unique, grand planificateur, grand inquisiteur, grand prêtre, maréchal suprême et informateur suprême. À leur manière, ils ont tenté de «*mettre fin à l'Histoire*», en construisant l'État-Moloch, sans toutefois nous expliquer comment cet expropriant ultime serait à son tour exproprié. Brandissant le fouet des commissaires du peuple, usant et abusant du droit à la vie sur les masses asservies, nationalisant la petite propriété familiale par la simple application du terme *koulak* — terme, de surcroît, dépourvu de toute signification juridique et économique —, affamant et déportant des millions de paysans, criminalisant la dissidence, interdisant tous les partis et toutes les tendances, transformant les soviets et les syndicats en simples chambres d'enregistrement et courroies de transmission, interdisant les grèves car elles risquaient de faire le jeu des réactionnaires et parce que «*l'avant-garde dirigeante*» s'occuperait de tout — ces messieurs ont perpétré l'accumulation capitaliste la plus brutale de tous les temps...

Mais face à cette réalité insoutenable, même des concepts comme «*l'accumulation capitaliste primitive*» ou le «*capitalisme d'État bureaucratique*» se révèlent controversés et problématiques, incapables d'expliquer sérieusement la réalité sociale décrite. Car si le salariat, cette prison moderne qu'est le salariat, constitue le fondement économique et le véritable moteur de l'organisation capitaliste du *tripalium* (un ancien instrument de torture dont dérive le mot «*travail*»), que penser des dizaines de millions de pauvres larves humaines qui, pendant des décennies, ont travaillé gratuitement dans d'innombrables camps de concentration pour les nouveaux tsars? Parmi tant d'autres retraits constamment calomniés par des prêtres de gauche et d'autres jeunes hommes qui, comme BARREIRINHAS CUNHAL (*), estimaient qu'il n'y avait jamais «*suffisamment de preuves*» pour juger la situation, l'insoupçonné Valentim GONZALEZ (**), plus connu sous le nom d'«*El Campesino*», général communiste durant la guerre civile espagnole, raconte dans son livre «*Vie et mort en URSS*» comment les choses se sont déroulées dans l'univers des camps de concentration. Des millions d'hommes et de femmes, dans des conditions incroyables, aux abords du cercle polaire arctique

(*) Álvaro BARREIRINHAS CUNHAL (1913-2005), Secretário-Geral do Partido comunista português de 1961 a 1992. (Nota A.M.)

(**) Valentín GONZÁLEZ (1904-1983), conhecido por «*El Campesino*», comunista e militar espanhol; denunciou o sistema de campos de concentração russos na década de 1950 e, posteriormente, tornou-se social-democrata. (Nota A.M.)

(*) Álvaro BARREIRINHAS CUNHAL (1913-2005), Secrétaire général du Parti communiste portugais de 1961 à 1992. (Note A.M.)

(**) Valentín GONZÁLEZ (1904-1983), dit «*El Campesino*», communiste espagnol, militaire; dénonça l'univers concentrationnaire russe dans les années 50, puis devint social-démocrate. (Note A.M.)

criação (no sentido de se criar gado, só que o gado era mais bem alimentado!) e a educação (pelo tripalium!) do «*homem novo*», essa criatura tão celebrada pelo pensamento judaico-cristão e marxista-leninista. Extraíam petróleo, níquel, carvão e ferro, trabalhavam sem qualquer protecção em indústrias químicas perigosas, em fábricas de armamento, em fundições, fábricas de conservas, koikhoses, indústrias madeireiras, construíam estradas, vias férreas e imensos canais que ligam os mares interiores... e eram devorados por milhões de piolhos, percevejos e mosquitos e morriam como moscas! Segundo *El Campesino*, por altura da morte de STALINE (1953), vegetariam em dezenas de campos de concentração cerca de 19 milhões de soviéticos e 4 milhões de estrangeiros. Mais milhão, menos milhão, o que não terá sido nos anos trinta, durante o consulado de IEJOV, chefe da polícia política, e do seu antecessor IAGODA, especializado em drogas e grandes obras públicas?! Estaremos, portanto, ante algo tipificado anteriormente como «*modo de produção asiático*» ou «*despotismo oriental*» ou ante um mero deslize, um simples «*desvio*» à devoradora ortodoxia? Pela parte modesta que me cabe, já escolhi, conquanto Friedrich ENGELS nos tivesse asseverado, do alto da sua cátedra e da sua sabicheza, que o Estado «*revolucionário*» e «*transitário*» (a que também se podia chamar eufemisticamente *Gemeinwesen*, isto é, *comunidade*) iria definhando aos poucos, até murchar completamente e metamorfosear-se na mais rematada anarquia... Mas que artista, que prestidigitador, não achais?! Só um campeão da dialéctica podia conceber semelhante salto qualitativo: no auge do seu império e da sua pujança, exorcizado e afastado qualquer perigo contra-revolucionário, absorvida e digerida toda e qualquer forma de capital, submetida e subjugada toda a população, o Estado decidia subitamente, num acesso de modéstia irrefreável, deixar a cena da história na ponta dos pés... Ou então, decidindo sujar as mãos pela última vez, desta feita com o próprio sangue, suicidava-se pateticamente, à japonesa, fazendo haraquiri!

No meio de tudo isto, já nos primórdios dos gloriosos e míticos anos vinte. LÉNINE ironizava, frente ao anarco-sindicalista Angel PESTANA, sobre a liberdade «*abstracta*», entendida como «*preconceito burguês*». Antes, já tivera o mesmo comportamento frente ao guerrilheiro anarquista ucraniano Nestor MAKHNO, a quem os bolchevistas e o *Exército vermelho* tanto ficaram a dever, quando os exércitos brancos constituíam uma ameaça, e depois traíram miserável e jesuiticamente, na fase de consolidação do poder. Ajudando à festa, TROTSKY, num livro vergonhoso intitulado «*Terrorismo e comunismo*» (homónimo do de Kautsky, mas de sinal contrário), apontava a «*militarização do trabalho*» como evidente «*método fundamental e indispensável para organizar as nossas forças de trabalho*». Achava

ou aux confins de la Sibérie, incarnaient la création (au sens de l'élevage, sauf que le bétail était mieux nourri!) et l'éducation (par le *tripalium*!) de «*l'homme nouveau*», cette créature si célébrée par la pensée judéo-chrétienne et marxiste-léniniste. Ils extrayaient du pétrole, du nickel, du charbon et du fer; ils travaillaient sans aucune protection dans des industries chimiques dangereuses, des usines d'armement, des fonderies, des conserveries, des kolkhozes, des scieries; ils construisaient des routes, des voies ferrées et d'immenses canaux reliant les mers intérieures... et ils étaient dévorés par des millions de poux, de punaises et de moustiques et mouraient comme des mouches! Selon *El Campesino*, à la mort de STALINE (1953), environ 19 millions de Soviétiques et 4 millions d'étrangers croupissaient dans des dizaines de camps de concentration. À un million près, quelle somme cela devait-il représenter dans les années 1930, sous le règne d'IEJOV, chef de la police politique, et de son prédécesseur IAGODA, spécialiste des stupéfiants et des grands travaux publics?! Sommes-nous donc face à ce qu'on a d'abord qualifié de «*mode de production asiatique*» ou de «*despotisme oriental*», ou à un simple faux pas, une simple «*déviation*» de l'orthodoxie dévorante? Pour ma part, j'ai déjà fait le choix, bien que Friedrich ENGELS nous ait assuré, du haut de son professorat et de sa sagesse, que l'État «*révolutionnaire*» et «*transitoire*» (qu'on pourrait aussi appeler, par euphémisme, *Gemeinwesen*, c'est-à-dire *communauté*) déperirait peu à peu, jusqu'à disparaître complètement et se métamorphoser en une anarchie totale... Mais quel artiste, quel prestidigitateur, n'est-ce pas?! Seul un champion de la dialectique pouvait concevoir un tel saut qualitatif: au sommet de son empire et de sa puissance, après avoir exorcisé et banni tout danger contre-révolutionnaire, après avoir absorbé et digéré toute forme de capital, après avoir soumis et assujéti toute la population, l'État décida soudain, dans un accès d'irrépressible modestie, de quitter la scène de l'histoire sur la pointe des pieds... Ou bien, décidant de se salir les mains une dernière fois, cette fois avec son propre sang, il se suicida pathétiquement, à la japonaise, en pratiquant le hara-kiri!

Au milieu de tout cela, au début des glorieuses et mythiques années 1920, LÉNINE, avec ironie, tenait des propos à l'anarcho-sindicaliste Angel PESTANA sur la liberté «*abstraite*», qu'il percevait comme un «*préjugé bourgeois*». Il avait auparavant adopté la même attitude envers le guérillero anarchiste ukrainien Nestor MAKHNO, à qui les bolcheviks et l'*Armée rouge* devaient tant lorsque les armées blanches représentaient une menace, et qu'ils trahirent ensuite misérablement, voire avec une cruauté jésuite, lors de la consolidation du pouvoir. Comble du spectacle, TROTSKY, dans un ouvrage honteux intitulé «*Terrorisme et communisme*» (homonyme de celui de Kautsky, mais au sens inverse), présentait la «*militarisation du travail*» comme une méthode «*fondamentale et indispensable pour organiser nos forces de travail*». Il considérait que condamner le travail for-

que condenar o trabalho forçado e falar da sua fraca produtividade era uma atitude tipicamente conservadora e arrogava-se o direito de deportar qualquer produtor para qualquer sítio em que a sua actividade fosse socialmente necessária. Tal era o receituário do chamado «*comunismo de guerra*». E STALINE, como bom «*trotskista*», limitou-se a levar para a prática e em larga escala os ensinamentos do mestre. Com os homens da *agitprop* (agitação e propaganda, uma espécie de agência publicitária da época), lançou o fenómeno STAKHANOV — o tal mineiro que produzia 10 ou 20 vezes mais que os seus camaradas —, açulou os operários e os camponeses para aquilo a que em 1975 se chamava em Portugal as «*batalhas da produção*» e proclamou que o homem (concreto ou abstracto?) era o «*capital mais precioso*».

Pelo exposto se vê que, muito embora só se empreste aos ricos, como dizem os banqueiros, STALINE não pode ser considerado o único responsável e o bode expiatório de um sistema que, ao fim e ao cabo, o produziu. Sem de maneira alguma manejar o paradoxo, posso dizer que STALINE foi um TROTSKY que triunfou e TROTSKY um STALINE que falhou na conquista e conservação de um poder que lhe escorregou entre os dedos. Pois não foi TROTSKY inclusive quem exterminou os guerrilheiros anarquistas ucranianos, liquidou a *makhnovitchina* e organizou expedições punitivas contra os camponeses livres? E quem, ao esmagar em 1921 o último soviete livre, foi apodado «*GALLIFFET de Kronstadt*», sendo equiparado ao general que, em 1871, tinha afogado em sangue a *Comuna de Paris*?

Senão vejamos...

cé et déplorer sa faible productivité relevait d'une attitude typiquement conservatrice, et s'arrogeait le droit de déporter tout producteur là où son activité était jugée socialement nécessaire. Telle était la recette du soi-disant «*communisme de guerre*». Et STALINE, en bon «*trotskiste*», n'a fait que mettre en pratique à grande échelle les enseignements du maître. Avec les hommes de l'*agitprop* (l'agitation et la propagande, une sorte d'agence de publicité de l'époque), il a lancé le phénomène STAKHANOV - le mineur qui produisait 10 ou 20 fois plus que ses camarades -, incité les ouvriers et les paysans à ce qu'on appelait en 1975 au Portugal les «*batailles de la production*», et proclamé que l'homme (concret ou abstrait?) était le «*capital le plus précieux*».

De ce qui précède, il ressort clairement que, même si les prêts ne sont accordés qu'aux riches, comme le disent les banquiers, STALINE ne peut être considéré comme le seul responsable et le bouc émissaire d'un système qui, en fin de compte, l'a engendré. Sans exploiter le paradoxe, je peux dire que: STALINE était un TROTSKY qui a triomphé et TROTSKY un STALINE qui n'a pas réussi à conquérir et à conserver un pouvoir qui lui a échappé. N'est-ce pas TROTSKY qui extermina les guérilleros anarchistes ukrainiens, liquida la *Makhnovchtchina* et organisa des expéditions punitives contre les paysans libres? Et qui, après avoir écrasé le dernier soviète libre en 1921, fut surnommé «*GALLIFFET de Kronstadt*», assimilé au général qui, en 1871, fit couler le sang de la *Commune de Paris*?

À suivre...
